

## SESMEIROS E SESMARIAS EM ANGOLA: notas de pesquisa

Dawila Layse Leonco de Lima<sup>78</sup>

### RESUMO:

A colonização portuguesa abrangeu diversos territórios do Atlântico, e, a partir do século XV, a instituição de sesmarias foi a principal forma de povoação utilizada pela Coroa para fixar seu domínio sobre as terras “conquistadas”. A concessão de sesmarias pela Coroa para os reinóis que viveram em Angola, sobretudo no século XVII, é o ponto de partida para uma pesquisa mais aprofundada da dinâmica das pessoas nessa região. Tanto os portugueses quanto os naturais da terra, e a África, continente-agente no processo de colonização, são elementos que devem ser mais profundamente pesquisados dentro desta perspectiva. A pesquisa, em fase inicial de paleografia das fontes e levantamento de bibliografia, permite analisar as dinâmicas socioculturais de espaços que dialogavam ativamente com a Coroa portuguesa durante a época moderna, especialmente o território africano; assim como também investigar as relações entre o reino, os colonos “agraciados” com as sesmarias, e até mesmo os grupos étnicos que estavam localizados neste território.

**PALAVRAS-CHAVE:** sesmarias; Angola; grupos étnicos.

SESMEIROS AND SESMARIAS IN ANGOLA: research notes

### ABSTRACT:

Portuguese colonization covered various territories in the Atlantic and, from the 15th century onwards, the institution of sesmarias was the main form of settlement used by the Crown to establish its dominion over the conquered lands. The granting of sesmarias by the Crown to the royalty who lived in Angola, especially in the 17th century, is the starting point for a more in-depth study of the dynamics of people in this region. Both the Portuguese and the natives of the land, as well as Africa, the continent-agent in the colonization process, are elements that need to be researched in greater depth from this perspective. The research, which is in the initial stages of paleography of sources and bibliography, allows us to analyze the socio-cultural

---

<sup>78</sup> Graduação em História pela UFRN. Membro do Laboratório de Experimentação em História Social (LEHS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6888253920770443>. E-mail: [dawilalima762@gmail.com](mailto:dawilalima762@gmail.com).

**ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

dynamics of spaces that were in active dialogue with the Portuguese Crown during the modern era, especially African territory; as well as to investigate the relationships between the kingdom, the settlers “awarded” the sesmarias, and even the ethnic groups that were located in this territory.

**KEYWORDS:** sesmarias; Angola; ethnic groups.

O antigo reino de Ndongo, localizado onde posteriormente foi designado como o Reino de Angola, estendia-se entre os rios Kwanza, Lukala e Bengo, habitado sobretudo pelos Mbundu. Para o grupo étnico, o reino não estava fixado em um território delimitado, mas em pessoas/grupos que estavam sob a autoridade do rei de Ndongo. Não existiam áreas delimitadas, portanto, havia uma imprecisão na indicação de fronteiras. Essa afirmativa, colocada por Beatrix Heintze (2007), sugere analisar como as sesmarias empreendidas pela Coroa Portuguesa no mundo atlântico estavam relacionadas com a colonização do território denominado como Angola, além de investigar a relação estabelecida entre os agentes portugueses e os reinos e grupos étnicos localizados nas proximidades de Angola. A história do reino de Ndongo, por exemplo, marca a queda de sua autonomia justamente no período em que as sesmarias foram concedidas (1617 - 1630), o que abre um ponto de investigação sobre o peso da expansão colonizadora sobre os grupos étnicos locais. As sesmarias são o ponto de partida para o estudo da povoação portuguesa, a localização das concessões e o perfil dos sujeitos “agraciados” com espaços de terras, e as relações entre a Coroa, os colonos, e os grupos étnicos localizados no território.

A concessão de sesmarias em Angola foi um fenômeno que perdurou desde o início da colonização portuguesa, no século XV, até o século XIX, na forma de concessão de terras. No processo de concessão nas regiões ultramarinas havia primeiro o pedido por parte do interessado em adquirir, “pela forma de Sua Majestade”, um pedaço de terra de sesmaria. Este explicava os motivos que o levavam a realizar a petição da sesmaria, e tentava definir a sua localização. No

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

entanto, Mariana Cândido (2014) pontua que as autoridades coloniais desenharam mapas com limites vagos que demonstravam a sua falta de conhecimento sobre as pessoas e as terras supostamente sob seu controle. Esse fato resultou em delimitações não exatas das terras pedidas em sesmarias em Angola, visto que muitos registros foram concedidos nas margens de rios próximos e/ou até coexistentes com os reinos locais. Essa prerrogativa sugere que havia o contato entre colonos e grupos étnicos locais, e demonstra as possibilidades de aproximação, de alianças ou até de conflitos insurgentes dentro desta perspectiva de relações estabelecidas entre populações distintas, com formas de organização econômicas e culturais diferenciadas. Desse modo, as autoridades coloniais, ao desenharem mapas com limites vagos que demonstravam a sua falta de conhecimento sobre o território de Angola, delimitavam montanhas e rios imprecisos, pessoas e Estados com novas designações, como São Salvador do Congo, São Filipe de Benguela, destacando o caráter religioso da sua estrutura, ou seja, povos e territórios nomeados como vazios de significado e de lógica (Cândido, 2014). O primeiro governador nas margens do rio Cuanza (o mesmo rio no qual estava localizado boa parte do o reino de Ndongo), Paulo Dias de Novais, recebeu por doação, em 1571, uma capitania nesta localidade para construir uma igreja, fortalezas e estabelecer colonos. Fundou São Paulo de Assumpção de Loanda, dentre outras povoações. Por conseguinte, logo após a petição realizada pelo colono, esta era encaminhada para o governador ou capitão-geral da capitania. Essas autoridades poderiam deferir ou não a petição. Posteriormente, com o deferimento da petição, era estipulado um prazo para o cultivo da terra, e a partir do século XVII, um prazo também para a sua medição, sendo de responsabilidade do provedor mandar demarcar e medir a dita terra. Depois desse processo, havia novamente um pedido por parte do sesmeiro para confirmação de sua mercê.

Os portugueses, a partir das investidas à costa africana, mantiveram contato, no primeiro momento, com o Reino do Congo e os reinos de Ndongo e Matamba,

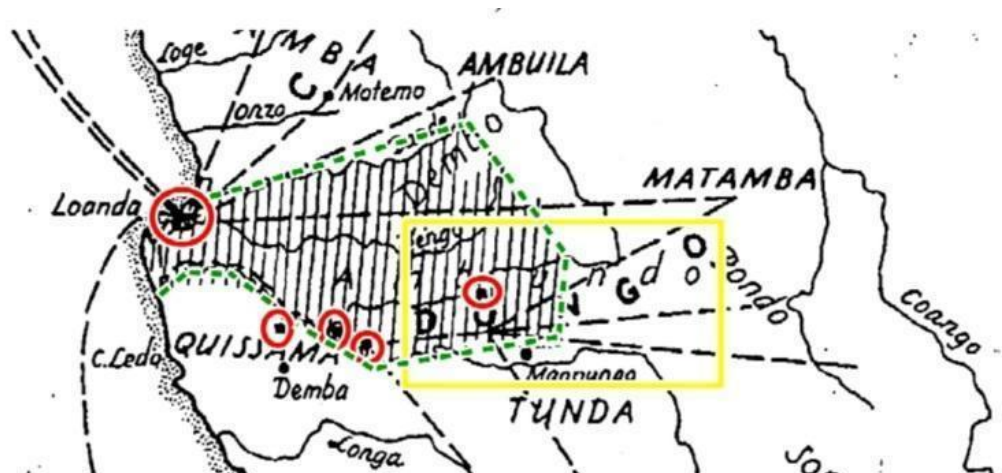
### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

posteriormente fundidos no Reino de Angola, e se aproveitaram dos conflitos internos para instalarem-se na região, no século XVI. E a partir do século XVII e início do século XVIII, essa relação desenvolveu-se em possíveis alianças estabelecidas quando Cândido (2014) afirma que Coroa portuguesa impôs tratados de vassalagem para recrutar autoridades africanas sob a administração colonial e incorporar novas populações como súditos do império português.

O mapa da figura 1, retrabalhado por Alec Ito (2016), a partir da coletânea de fontes de Beatrix Heintze, evidencia o que inicialmente era um contato de aproximação, desenvolvendo-se em uma rede de relações entre portugueses e os reinos localizados na região onde foram concedidas sesmarias.

**Figura 1** - A Angola portuguesa durante o governo de Fernão de Sousa (1624 - 1630)



**Fonte:** ITO, Alec Ichiro. A Angola portuguesa durante o governo de Fernão de Sousa (1624 - 1630). São Paulo: [s. n.], 2016. Acesso em: 07/11/2-24. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002789809>.

**Legenda:** I) o traçado pontilhado em verde, com o interior de linhas verticais, é a área delimitada oficialmente como Angola; II) Os círculos em vermelho são os centros populacionais dos portugueses instalados na região; III) O quadrângulo amarelo pertence ao reino de Ndongo.

**ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Esse mapa evidencia como a “Angola Portuguesa” coexistia em espaços pertencentes aos reinos africanos locais. A ocupação colonial, com a distribuição de sesmarias, foi sobretudo dinamizada sob o governo de Fernão de Sousa, que estipulava o envio de um medidor para realizar as demarcações necessárias, sendo o prazo de cinco anos para essa execução, bem como também cinco anos para o aproveitamento da terra concedida em sesmaria, entre as margens dos rios Bengo, Dande, Cuanza, Congo, Luanda e próximo aos presídios de Massangano. As povoações encontravam-se entre essas margens fluviais, as quais podem ter sido pontos de contato entre os portugueses e os grupos étnicos locais. Quem eram esses sujeitos e como eram as relações estabelecidas entre esses agentes é o ponto investigativo desta pesquisa. Ademais, no que concerne ao tamanho das terras concedidas, a medida era registrada sobretudo em braças, e raramente em léguas, como era comum em outras possessões. Quanto aos detalhes presentes nas sesmarias: a concessão de terras era destinada para o suplicante e para seus descendentes, ascendentes, transversais, herdeiros e sucessores, para vender, trocar, alhear, escambar, aforar, repartir, e fazer delas como de causa própria, com atenção para o pagamento do dízimo “a Deus” (ou seja, à Coroa) e a obrigação de cultivar, aproveitar, e obter confirmação de El Rei, dentro em cinco anos, sob risco de ficarem devolutas.

**Quadro 1 - Registro de sesmeiros em Angola<sup>79</sup>**

| Sesmeiro              | Autoridade      | Local | Ocupação do sesmeiro | Ano  | Extensão em braças |
|-----------------------|-----------------|-------|----------------------|------|--------------------|
| Francisco Jorge Zamba | Fernão de Sousa | Congo |                      | 1628 | 50                 |

<sup>79</sup> O processo de paleografia das fontes ainda está em andamento, portanto, esse quadro contém os registros de concessões de sesmarias transcritos até o momento.

|                           |                 |                                    |                         |      |      |
|---------------------------|-----------------|------------------------------------|-------------------------|------|------|
| Domingos de Paiva         | Fernão de Sousa | Rio Bengo                          |                         | 1622 | 300  |
| Manuel de Madureira       | Fernão de Sousa | Bengo                              |                         |      | 400  |
| João de [Toucar ou Sousa] | Fernão de Sousa | Rio Dande                          |                         |      | 1000 |
| Manoel de Sousa Tezidos   | Fernão de Sousa | Rio Bengo                          | Vereador em 1625        | 1629 | 1800 |
| Pero de Oliveira          | Fernão de Sousa | Rio Cuanza, presídio de Massangano |                         |      | 1000 |
| Duarte Mendes             | Fernão de Sousa | Rio Bengo                          |                         |      | 200  |
| Caterina Mendes           | Fernão de Sousa |                                    |                         |      | 725  |
| Antônio Dias Pinheiro     | Fernão de Sousa |                                    | Vereador em 1628        | 1628 | 1500 |
| Capitão Martim Correia    | Fernão de Sousa |                                    | Vereador em 1623 - 1625 |      | 475  |

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

|                             |                 |               |  |      |                   |
|-----------------------------|-----------------|---------------|--|------|-------------------|
| Diogo Dias Mendes           | Fernão de Sousa | Bengo         |  | 1628 | 1 pedaço de terra |
| Joana Mendes de Carvalho    | Fernão de Sousa | Luanda        |  | 1628 | 1000              |
| Duarte Mendes de [Luquira?] | Fernão de Sousa |               |  |      | 300               |
| Fernão da Mota              | Fernão de Sousa | Congo e Bengo |  | 1618 | 100               |
| Antônio de Siqueira         | Fernão de Sousa | Bengo         |  |      | 500               |

**Fonte:** Biblioteca da Ajuda, cód. 51-IX-21.

O quadro 1 apresenta algumas concessões de sesmarias para colonos em Angola. Entre os sesmeiros encontram-se majoritariamente homens, no entanto, até o momento, duas mulheres ascendem entre os “agraciados” com a concessão de terras, inclusive, a sesmeira Joana Mendes de Carvalho recebeu uma extensão de braças superior à concedida ao capitão Martim Correia. Essa eventualidade permite investigar, ao longo da pesquisa, quem eram esses sujeitos que aparentemente pediram em nome de “Sua Majestade” pedaços de terra sobretudo entre as margens fluviais dos rios Congo, Bengo, e no interior dos presídios de Massangano, e direta ou indiretamente tiveram contato com os grupos étnicos presentes. Portanto, investigar a origem desses sujeitos, as relações tanto com a Coroa Portuguesa quanto com os indivíduos em “Angola” e nas proximidades, os motivos que os levaram a fazer petições para obter pedaços de terra naquela localidade, a escolha (forçosa ou

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

não) de um território distante da metrópole, todas essas questões abrem novas perspectivas de análise para a história desta localidade que, anterior à chegada europeia, era habitado por povos com uma diversidade de etnias, e que, após a instalação portuguesa, se estabeleceu um emaranhado de relações sócio-culturais e políticas.

Desse modo, considerar como ocorreu o sistema colonial em “Angola” e como esse processo afetou os grupos e reinos locais torna-se imprescindível para a historiografia, principalmente africana, porque permite aprofundar os questionamentos sobre o colonialismo europeu e as estratégias de reinos africanos para o combate e a resistência do domínio colonial, como participantes das práticas políticas do período moderno. Logo, essas questões serão consideradas no desenvolvimento da pesquisa a fim de contribuir com as análises historiográficas do continente africano, ainda pouco consideradas na historiografia atual.

Outra consideração diz respeito ao governador que concedeu as sesmarias, Fernão de Sousa, que assumiu o governo de Angola e empreendeu investidas contra o reino do Ndongo, sob o comando de Nzinga Mbandi, em 1625. Fernão de Sousa possui uma coletânea de relatos sobre a sua experiência na administração da “Angola Portuguesa”, conservada na Biblioteca da Ajuda de Lisboa (BAL), em Portugal. São cerca de 850 documentos de vários tipos, sobretudo abrangendo o período entre 1624 e 1635. Um dos volumes documentais contém descrições realizadas por Fernão de Sousa sobre a “Angola portuguesa e das regiões circunvizinhas” (Apud Alec Ito, 2016). Nesta seção, está inserido o extenso relatório de Fernão de Sousa, onde pontuava considerações desde sua nomeação, em 5 de outubro de 1623, até o término da vigência do seu governo, em 1630. Neste sentido, o governo de Fernão de Sousa compreende o período de concessão de sesmarias e os seus relatos possibilitam investigar como e porque foram instituídas sesmarias naquela localidade.

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Além disso, os relatos do governador também proporcionam uma análise mais abrangente sobre as investidas militares pelo domínio do Ndongo, sob o reinado de Nzinga Mbandi. O objetivo de Fernão de Sousa era obter o domínio sobre o reino e sobre o tráfico escravo, e facilitar a entrada da Companhia de Jesus no território. Em uma parte de seus relatos, Fernão de Sousa parece confirmar que a falta de “peças” (indivíduos africanos) estava ligada à “ausência de rei em Ndongo” (Apud Alec Ito, 2016), porque no reinado de Nzinga havia sido empreendida uma guerra contra as invasões portuguesas no reino de Ndongo. Com essa afirmativa sobre a falta de africanos para o sistema escravista por conta da guerra entre a “Angola portuguesa” e o Ndongo, é possível especular que as sesmarias estavam dentro dessa disputa por hegemonia, e poderiam ter sido utilizadas para o avanço do governo colonial sobre o reino do Ndongo, e também poderiam ter conciliado com a justificativa de guerra, por parte de Nzinga Mbandi, sobre a “Angola Portuguesa”, visto que as sesmarias eram concedidas sobre o Ndongo, inclusive, a própria região de Angola coexistiu junto ao reino.

### **Considerações Finais**

Mariana Fonseca (2010) reforça que a pressão portuguesa sobre o reino do Ndongo acentuou-se com o deslocamento de um presídio em Ambaca, localizado próximo ao reino, provocando reações. As sesmarias concedidas encaixam-se dentro desta perspectiva, fortificações portuguesas cada vez mais próximas de Ndongo marcam as possíveis ligações e conflitos infligidos entre agentes coloniais e grupos étnicos. Desse modo, essas relações evidenciam a forma de resistência africana frente à ocupação europeia, e as estratégias dos agentes localizados no tríplice espaço de Angola, de Ndongo, e do Congo, e seus interesses em possuir a hegemonia do território.

Portanto, adentrar-se nos pormenores da dinâmica do território, e das relações estabelecidas entre seus agentes, tanto os portugueses quanto os naturais da

**ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

terra, permitem visualizar espaços de atuação no colonialismo, as relações entre sujeitos históricos, e as estratégias de resistência dos grupos étnicos às expansões de “conquista” de seus territórios. Neste sentido, as sesmarias são o ponto de partida de uma pesquisa mais aprofundada, que deve integrar o campo historiográfico, reconhecendo a atuação africana nos espaços de disputas coloniais, a fim de permitir pesquisas que integram o continente africano como parte do processo de investigação histórica, superando o local marginalizado que as pesquisas sobre a África ainda se encontram.

## REFERÊNCIAS

- ALVEAL, Carmen. **Senhorios coloniais**: direitos e chicanas forenses na formação da propriedade na América portuguesa. Niterói, RJ: Editora Proprietas, 2022. 348 p.
- CÂNDIDO, Mariana Pinho. Conquest, occupation, colonialism and exclusion: land disputes in Angola. In: SERRÃO, José Vicente et al. **Property Rights, Land and Territory in the European Overseas Empires**. [S. l.: s. n.], 2014.
- CALDEIRA, Arlindo Manuel. Dimensão Sociopolítica do Município de Luanda Durante o Século XVII. Lisboa: Cadernos de Estudos Africanos, 2015.
- HEINTZE, Beatrix. **Angola nos séculos XVI - XVII**: Estudos sobre fontes, métodos e história. 1. ed. Luanda: Tiragem, 2007. 622 p.
- FONSECA, Mariana Bracks. **Rainha Nzinga Mbandi, imbangalas e portugueses**: as guerras nos kilombos de Angola no século XVII. Minas Gerais: Cadernos De Pesquisa Do CDHIS, 2010.
- ITO, Alec Ichiro. **"Uma Cruz tão pesada"**: o governo da Angola portuguesa nos séculos XVI e XVII na perspectiva de Fernão de Sousa (1624 - 1630). Orientadora: Profa. Dra. Marina de Mello e Souza. 2016. 408 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2016.

## ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade